



Mário Abrantes

O Catar e a dimensão certa dos Direitos Humanos

Antes do mais, o desejo de boa sorte e votos de muito sucesso à equipa de Portugal no Campeonato do Mundo de Futebol.

Para erguer e acompanhar este Campeonato, trabalhadores migrantes às centenas de milhar, 95% da mão de obra do Catar, foram e continuam a ser desumanamente explorados ou até escravizados. Isto num país onde a flagelação e o apedrejamento constituem punições legais, tal como a sodomia, para homossexuais, e a pena de morte, para o adultério.

Mas, em lugar de dividir, o desporto deve e pode ser veículo de união entre povos e países e, face à decisão da FIFA (apesar de discutível) estar tomada desde 2010 sem grandes contestações, este sentimento universal seria talvez mais que suficiente para admitir a eventual deslocação ao Catar de representantes nacionais dos países concorrentes, em apoio às suas equipas.

Só que, no caso português, a embrulhada foi grande.

O Presidente da República justificou-se dizendo que de momento eram para esquecer os atentados aos direitos humanos no Catar. Depois, face às críticas, disse que lá falaria desses direitos, o que até fez, mas de forma claramente embrulhada e pouco convicta. O Presidente da Assembleia da República foi ao Catar e, para lá da motivação patriótica, justificou-se com espantosa franqueza (veja-se a escravidão dos migrantes em Portugal) que “quase todos os países têm derrotas no cumprimento dos direitos humanos”, permitindo deduzir daí que não têm moral para se armar em juizes e condenar os outros. Afirmou ainda que até tínhamos e continuaríamos a ter boas relações com o Catar. Admira-me é que, por causa dos mesmos(?) direitos humanos, enquanto ministro dos negócios estrangeiros, juntamente com todo o seu governo,

não reconheceu as eleições na Venezuela e legitimou um presidente fantoche autoproclamado, Juan Guaidó, que ninguém sabe ao serviço de que “direitos humanos” estava. Neste caso já o patriotismo não serviu para justificar a continuação do bom relacionamento diplomático com outro país, valendo de bem pouco o facto de lá existirem 400.000 emigrantes e um milhão e duzentos mil luso-descendentes. Se como parece é apenas o jogo da bola que importa, então pelo menos deveríamos ter em maior conta uma nação onde seguramente muito mais portugueses jogam à bola do que no Catar...

Mas o mundo não está melhor. Estados Unidos, Austrália, Reino Unido e Canadá anunciaram o boicote diplomático aos jogos olímpicos de inverno deste ano na República Popular da China, invocando, em nome de uma suposta Comunidade Internacional, os atentados aos direitos humanos naquele país. Ficaram, entretanto, conformados e de consciência tranquila com o Catar. Recorde-se que a Carta dos Direitos do Homem é da responsabilidade da ONU e é esta organização que é universalmente reconhecido o direito de ajuizar sobre o seu cumprimento em qualquer zona do globo. Além disso, essa Carta pressupõe no seu preâmbulo ser “necessário encorajar o desenvolvimento de relações amistosas entre nações”. Ora não foi certamente o boicote diplomático daqueles quatro países a melhor forma de prosseguir tal objetivo.

Por outro lado, incentivando a discriminação desportiva, a FIFA, que fechou os olhos ao Catar, logo se apressou após a invasão russa à Ucrânia a afastar as seleções e clubes russos das provas de futebol por si organizadas...

Está mesmo difícil de encontrar a dimensão certa dos direitos humanos...



Nuno Costa Santos

A arte de ser moquenco

Uso-a de vez em quando. Perguntei se na Terceira é usada e dizem-me que não. Uma das minhas palavras favoritas do dia-a-dia micalense é moquenco. Cresci a entender o moquenco como o tipo que finge que não está atento mas que está a topar tudo e a tirar notas. É aquele que se finge. Em certo sentido, podia ser o anti-micalense, conhecido por falar alto e de forma desabrida sobre tudo. Mas não. O moquenco é uma versão do micalense. É o micalense silencioso. Todos os micalenses têm um amigo moquenco. “Por que não dizes nada?”, perguntamos-lhe. Responde: “porque nada tenho a acrescentar”. (Mentira. Tem muito a acrescentar mas não diz).

É de desconfiar de um moquenco que comece a falar muito de um momento para o outro, de forma aparentemente sincera. Não é um exteriorizar de sinceridade. É apenas uma forma ocasional de ser moquenco.

Há muita gente que não topa o moquenco. Julga que é apenas uma questão de timidez. Até ao momento em que alguém, um especialista em moquenquice, diz: “Ui. O Alberto? O Alberto é um grande moquencão. Cuidado com ele!”

Quero crer que o moquenco ilhéu tem especificidades. É mais malino. É - também se diz - um mula. Traz uma astúcia morna apurada em séculos de isolamento. Podia ser o sonso mas a palavra sonso é insuficiente para classificar o moquenco. O moquenco é o sonso destas ilhas. Há, em conjunto com muitos de verbo fácil, uma linhagem de moquencos que fizeram o arquipélago.

Só nos Açores e na Madeira a palavra moquenco é usada para caracterizar uma pessoa com traços de manhoseice. Fátima Sequeira Dias, no seu muito divertido “Dicionário Sentimental da Ilha de São Miguel”, alerta: “Não podemos ter confiança no ‘moquenco’ porque ele não contará as novi-

dades que almejamos saber, e até fingirá não as conhecer, quando, afinal, se não foi um dos seus protagonistas, esteve perto do acontecimento. Imperdoável”. Cá está: não conta, não partilha. Finge que não sabe mas sabe.

Encontrei uma definição de moquenco numa entrada do “Vocabulário popular do Arquipélago da Madeira”. Moquenco é aquele que “ouve pouco ou finge não ouvir”. Só a segunda parte será verdadeira em São Miguel. O moquenco é aquele que finge não ouvir mas ouve tudo ou quase tudo. Guarda depois a informação num arquivo ao qual só ele tem acesso.

O “Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa” não traz a palavra moquenco mas sim a palavra moquenquice, que significa um “gesto que traduz escárnio” ou uma “forma de falar com o objectivo de enganar, iludir alguém = lábia”. Ora, a especialidade do moquenco micalense é a omissão. É o não dizer. É o não afirmar que se sabe ou que se fez. Também há outro significado nacional para “monquenquise”: “Ausência, total ou não, de vontade de trabalhar”. Podemos, nos Açores, dizer que o moquenco trabalha e muito a sua monquenquice. Ia usar a palavra matreirice mas não assenta. Monquenquice não tem não sinónimos à altura.

É provável que ser moquenco constitua um traço genético. Uma marca que vem da família. O que pode originar diálogos como este: “O Alberto é um bocado moquenco”. “O que é que querias? O tio, o Rogério, já era um moquencão de primeira!” (Reparemos que há um ranking. Um apuro).

Hoje em dia vigora a ideia de que tudo se resolve com um comprimido. O moquenco não se salva. Uma vez moquenco, para sempre moquenco. Ir ao psiquiatra e perguntar “Dr. Frágoso, o meu filho é moquenco. O que podemos fazer?” O psiquiatra, se for moquenco, vai ficar em silêncio e só vai dar uma resposta à terceira consulta.